



A voz dos pais sobre a intervenção inserida nas rotinas

Especialistas no trabalho com famílias de todo o país partilham as suas experiências acerca da intervenção inseridas nas rotinas

Apoio dos pares

“O Jon aprendeu melhor com os seus pares tendo os prestadores de cuidados, muitas vezes, a função de orientadores. Ele adorava ver os colegas e imitá-los. Desde cedo foram os seus pares a ensiná-lo como usar as barras, no recreio – algo que a terapeuta não tinha sido capaz de fazer”. - Lourdes Riviera-Putz

“Quando o Pete transitou do Jardim-de-infância para o primeiro ciclo, filmei todos os nossos esforços para o incluírem. Chamei à série “Educating my Peter too” porque estava muito inspirado num outro documentário da HBO (“Educating Peter”). As séries estão neste endereço <http://www.peatc.org>. Vejam a parte 3 acerca das interações do meu filho com os pares.

“Não acho que devemos chamar às interações entre pares “*apoio dos pares*”. Devíamos chamar-lhe amigades ou suporte recíproco. As pessoas precisam entender e valorizar os benefícios mútuos da interacção com todos os tipos de crianças.” - Cherie Takemoto

“O apoio dos pares como tutores em contextos pré-escolares é sempre difícil, como deve saber. Primeiro, alguns pares nomeados tutores podem tornar-se muito controladores e possivelmente abalar a auto-estima do Luke. Eu recomendaria a seleção e um acompanhamento inicial, para assegurar um bom apoio dos pares, e fazer parte do PEI, se não decorrer naturalmente. A educadora terá de identificar os colegas que interagem com o Luke da forma mais natural. Aqueles que parecerem ser mais ambivalentes ou controladores podem não ser o melhor par para a criança.

“A minha filha teve alguns amigos na escola. Um sábado, convidámo-los todos para vir a nossa casa. A minha filha perdeu uma amiga nesse dia quando percebeu que esta gostava dela porque a podia tratar como uma boneca. Nesse dia, foi difícil testemunhar a expressão triste nos olhos da minha filha. Ela nunca mais quis estar com esta colega. Foi uma lição difícil de aprender para todos nós.

“É extremamente importante, para os educadores e para os pais, intervir quando este tipo de actividade decorre. É preciso monitorizar e ensinar a interagir de forma adequada e desencorajar as interações menos adequadas. Os pares considerados bons suportes são normalmente bastante evidentes a partir das interações que desenvolvem naturalmente e de forma apropriada à sua idade. Os pares do Luke devem mostrar respeito e cuidado para com ele, de forma genuína. Devem também apoiá-lo sempre que for necessário e permitir-lhe a

independência sempre que ele não precise de ajuda. Pela minha experiência, estas são as crianças a quem podemos solicitar uma maior responsabilidade, de forma estruturada para apoiar o Luke."

- Kathy Brill

"Os colegas da minha filha ajudaram-na muito. Ela estava no jardim-de-infância e os amigos ajudaram-nos muito na passagem das fraldas para a sanita, na comunicação, na partilha e na promoção da sua auto-confiança"

– Samtra Devard

Alterações no ambiente

"A Jackie faria um bom trabalho se fizesse equipa, em PRIMEIRO LUGAR, com a mãe do Luke. Juntas podem dar voz às suas preocupações e encontrar formas de ajudar o Luke e os colegas na sala para que possam ter um ano bem sucedido. Quem vai programar o dispositivo de comunicação? Como pode o seu uso e a língua gestual do Luke enriquecer as experiências das outras crianças? À Christine eu diria que, apesar de ter continuado a levar o meu filho mais velho, de 21 anos, o Pete, à terapeuta da fala, foi o que aconteceu na sala da escola que fez toda a diferença na sua capacidade de comunicar, bem como as suas amizades com os professores e os alunos (com e sem incapacidade)."

- Cherie Takemoto

"A questão da interação através do dispositivo de comunicação do Luke, é uma boa questão! Tenho uma amiga que tem um filho que utiliza um e ela programou-o com frases e palavras que ele usa regularmente, incluindo os nomes dos amigos, para facilitar a inclusão com os pares e educadores. Uma vez que a criança tem um grande sentido de humor, o dispositivo está programado com as suas piadas e adivinhas, que ele pode utilizar em qualquer altura com os seus pares, ajudando-o a desenvolver relações de amizades mais fortes. Parece que o Pete tem experiências positivas semelhantes na sua sala!

—Kathy Brill

"A experiência de inclusão do meu filho no jardim-de-infância, desde cedo se alargou à nossa casa e à comunidade. Quando íamos a restaurantes, muitas vezes havia outras crianças do seu jardim-de-infância por lá, com as suas famílias. As crianças estão sempre muito disponíveis para interagirem, e as famílias começavam a falar e a conhecerem-se umas às outras. Uma das minhas memórias mais gratificantes acerca do sucesso que um jardim-de-infância inclusivo traz à criança e à família, diz respeito ao dia em que tive uma chamada do pai de uma criança da sala do Jardim de Infância da minha filha. A minha filha e esta criança tinham-se tornado bons amigos. Eram inseparáveis na escola. O pai disse-me, então, que quando perguntou ao filho o que queria para o seu aniversário, este respondeu-lhe que a única coisa que queria era levar a minha filha a almoçar fora. Bom, o pai dele perguntou-me então se poderiam vir a nossa casa, trazer Happy meals do McDonalds para o almoço, uma vez que a minha filha, por usar uma cadeira de rodas, não caberia no seu carro! Foi muito divertido. Na segunda-feira seguinte, o amigo da minha filha disse-lhe *"podes vir visitar-me sempre que quiseres para almoçarmos! O meu pai e eu fomos ao AKI depois de sairmos de tua casa e comprámos madeira para fazer uma rampa para poderes entrar lá em casa!"*

- Kathy Brill

Implementar intervenções inseridas nas rotinas requer o apoio dos educadores, famílias e todos os elementos da equipa

“ Eu encorajo os educadores a explorar novas formas de implementar as suas atividades e, se necessário, a usar ajuda extra. Às vezes, a educadora do meu filho criava grupos de 3 a 4 crianças e desta forma era mais fácil para ela dividir o seu tempo. Podia sugerir também que o Jon fosse colocado no grupo que exigisse menor assistência de forma a dar aos colegas a oportunidade de partilharem e aprenderem uns com os outros (incluindo o Jon). Os seus pares foram sempre fabulosamente pacientes e adoraram celebrar os sucessos do Jon”

- Lourdes Rivera-Putz, mãe

“Se estivesse no lugar da Jackie, eu procuraria informação, orientação e aconselhamento de forma a poder responder também às necessidades do Luke, dado que o meu objectivo como educadora é responder a todas as crianças”

- Sophie Arao-Nguyen, educadora

“As minhas experiências com estudantes de educação e professores são muito semelhantes às da Jackie. Percebi que muitos alunos estão muito entusiasmados com a ideia da inclusão. Encontrei também muitos educadores que perceberam claramente do que se tratava e pensaram em diferentes formas criativas de fazer a inclusão funcionar para crianças com incapacidade. Os educadores são as pessoas mais criativas que conheço. Quando decidem ir até ao limite porque acham que é isso que deve ser feito, é incrível vê-los fazer isso. É também uma situação em que ambos têm a ganhar: Os educadores, as crianças e as suas famílias. Às vezes fico preocupada acerca do apoio que estes educadores cheios de vontade e entusiasmo recebem dos pares e da direção. Cada concelho pode ser tão diferente na sua cultura e práticas de inclusão! Detesto ver uma educadora entusiasmada cheia de ideias e sem apoio. Com apoio, a Jackie percebeu que não teria de trabalhar com o Luke de um para um, numa base diária. Ela precisaria de alguém para a ajudar a implementar algumas das estratégias (apoio dos pares, adaptações, modificações, etc.). Também me agrada um modelo de co-ensino no pré-escolar, onde as forças da educadora do regular e da educadora do ensino especial são utilizadas em conjunto para beneficiar todas as crianças da sala.

- Mary Murray, especialista

“A educadora do Jon e outros especialistas sempre reconheceram que eu era a principal educadora e como tal as minhas opiniões eram necessárias e muito significativas quando era preciso desenvolver novas estratégias na sala. Mesmo quando desenvolvemos o plano para tentar lidar com dificuldades de comportamento nos momentos de transição, eu fiz parte das discussões. Esta experiência serve-me como base para andar para a frente à medida que os anos passam, que as necessidades mudam e que o Jon fica mais velho. O meu envolvimento foi sempre uma necessidade absoluta. Todos reconhecemos no início de cada ano que haveria coisas para as quais não teríamos resposta, mas quaisquer que estas fossem, trabalharíamos em conjunto para encontrar as respostas. Estávamos sempre de olho nos recursos que pudessem estar à nossa volta e nunca limitamos as nossas oportunidades de os utilizar. Materiais para modificar o currículo, livros e vídeos acerca das melhores práticas e, mais importante ainda, dando sempre oportunidade ao Jon e aos colegas de trabalharem

juntos. O mais importante é sermos criativos e estarmos preparados para pensar "*fora do sistema*"– improvisar sempre que necessário e definir sempre expectativas altas."

- Lourdes Rivera-Putz, mãe

Notas

Adaptado de Parents speak out desenvolvido pelo painel nacional de especialistas na área da família do CONNECT. Estes especialistas são líderes de organizações ligadas à família, professores universitários e contatos-chave em estruturas educativas do estado. Representam mais de 300 anos de experiência e especialização com a parentalidade.

Agradecimento a Ann Turnbull, Ed.D que desenvolveu esta série de testemunhos, originados na Universidade do Kansas no Beach Center on Disability.